

a verdade exige um certo esforço de penetração, de sonda nas camadas profundas do inconsciente impessoal (Jung) ou primitivo (Freud) para entrever a justa relação que torna perfeito o seu conhecimento. É isto que não faz o sábio ou cientista; o sábio é o representante do espírito sob forma cristalizada; esforça-se por compreender todo o novo integrando-o no conjunto do saber tradicional, no coagulado. Todos os problemas novos que ele venha a agitar supõem sempre um saber anteriormente adquirido como dado primeiro.

Muito diferente é a atitude do sábio ou mago. A sua preocupação dominante não é fazer repousar novas atitudes em bases consagradas mas tentar a criação de novas bases. A acção sobre as almas consiste em vivificá-las pelo espírito, não pela letra; o seu fim é sempre a vida, nunca a teoria; o gémio, nunca o definitivo. A sua compreensão tem portanto de ser realizada pela totalidade do ser porque o homem é um animal metafísico e não apenas um animal racional.

Em todas as épocas o mago se opõe ao estatuído e fixado. Para os rabinos do tempo de Jesus a verdade estava, para sempre, fixada, contida, na letra da Escritura e toda a experiência religiosa consistia em interpretar o imutável. Mas Cristo ultrapassou a expressão porque estava convencido da presença efectiva, viva, da verdade da Escritura. Uns ficaram na superfície da letra, da gramática; o outro, o Mago por excelência, acha que só o espírito é fecundo e considera a forma como obstáculo à renovação. Por isso o sentido e valor das palavras e actos de Cristo nunca residiram na forma adoptada, mas na apetência de eterno nascida da sua união com um ser em estado de receptividade feminina. O *lóyos* é sempre masculino, espermático, fecundante e dinâmico. O verbo não é palavra, como o pensamento não é letra, mas espírito, que fecunda e cria. Não nos é dado como um todo sistemático, mas lançado ao acaso, com aparências de contradição, de paradoxo, porque o paradoxo e a contradição exigem de cada um a elevação a uma atitude tal que permita

vislumbrar a perspectiva da unidade e o sentido revelador da harmonia dos seus termos, só aparentemente contraditórios. É um convite a penetrarmos na região do Sentido, e a abandonarmos os atalhos da expressão; a seguirmos o projectil do espírito através do espaço e do tempo. É que o paradoxo, como diz Keyserling, corresponde, no domínio espiritual, ao explosivo do mundo físico: concentrando nêle contrastes sem os resolver inflama a faculdade de compreensão e a solução pessoal que determina tem toda a aparência de explosão. Por isso, as palavras de Cristo, de Lao-Tseu, de Heracito, de Nietzsche têm influência independentemente do tempo e do espaço. A tragédia da Igreja consiste na incompreensão total destas verdades e em considerar a palavra como última e definitiva realidade. E isto é tanto mais incompreensível quanto a atitude dos magos, e especialmente de Cristo, tem sido hostil ao definitivo e adulto e simpatisante com o indiferenciado e plástico, bem patente no interesse carinhoso dedicado às crianças. A criança distingue-se do adulto pela sua integração perfeita no conjunto cósmico e porque, dentro do seu universo, é a expressão completa do espírito criador. Falta-lhe toda a fisiologia espiritual acabada e rígida característica do adulto. Explica-se agora a oposição dos fariseus a Cristo e a atitude hostil de Cristo a todo o definitivo da personalidade. É que a vida da criança não deriva do *eu*, mas do fundo supra-pessoal que o ultrapassa em potência; da concentração de humanidade que cada um de nós tem em si, e todo o renascimento do ser, todo o renascimento só é possível partindo do indiferenciado. Logo, suprimir em si toda a diferenciação é atingir as virtudes do plasma germinativo.

Abril, 1930.

D E L F I M S A N T O S

## Keyserling em Portugal

Aguardamos o novo capítulo, referente a Portugal, que Keyserling parece querer acrescentar à *Análise espectral da Europa*. Nêle—se Keyserling sacrificasse a amabilidade e a cortesia à verdade e à justiça—veríamos, certamente, afirmações pouco lisonjeiras, não para a nossa qualidade de portugueses, que nos interessa menos, mas para a nossa equívoca qualidade de europeus.

De facto, de sul a norte, o que se disse de Keyserling revela bem quão afastados estamos, no domínio da cultura, do resto da Europa. Êle mesmo devia tê-lo notado. Chamaram-lhe tudo: Grande Pensador—e êle é um homem de acção e, como tal, um homem que se reconhece medíocre no domínio intelectual. E' um técnico das sciências do Espírito, como lhe chamou Leonardo Coimbra, por isso sem pensamento criador, como todos os técnicos. O seu valor consiste na sua atitude perante o mundo contemporâneo e não no conteúdo do seu pensamento, porque não é *seu*. Chamaram-lhe Filósofo,—e Keyserling declara não ter vencido as insuficiências que o impediram sempre de o ser. Que será um filósofo para os homens cultos do nosso país?

Mas não ficaram por aqui. Para que no capítulo sobre Portugal nada falte do rigor científico desejado, manifestamos-lhe a nossa total incompreensão dos problemas do Espírito, a nossa admiração imbecil e a *subtileza* do espírito nacional, chamando-lhe *Sábio*.

*Sábio?* Êle que escreveu contra o sábio as páginas mais interessantes das Figuras Simbólicas!..

D. S.

LER A REVISTA «A ÁGUA»

O cabeçalho de **princípio** é da autoria de Ventura Porfírio; as vinhetas de Adalberto Sampaio e Ventura Porfírio.

## DA ADMINISTRAÇÃO

- ▲ Esta publicação carece, para se manter, de um determinado número-mínimo de assinantes.
- ▲ Todas as pessoas ou entidades que se interessarem pela realização dos objectivos que nos propomos, manifestarão êsse interesse conseguindo, entre os seus amigos, mais assinantes.
- ▲ daquelas pessoas ou entidades que por qualquer razão não queiram honrar-nos com a sua assinatura, esperamos a fineza de nos devolverem o presente número para podermos elaborar com rigor a lista dos nossos assinantes.
- ▲ A Renascença Portuguesa, editora dêste quinzenário, concede a todos os seus sócios a assinatura gratuita.
- ▲ Aos assinantes de «**princípio**», (série de 10 números) oferece a administração um dos seguintes volumes, à escolha:

Ezequiel de Campos — *A Crise Portuguesa*  
D. João de Castro — *Jesus*  
Teixeira de Pascoais — *Regresso ao Paraíso*  
Augusto Casimiro — *Calvário de Flandres*  
Raul Brandão — *Teatro*  
Alberto Pimentel — *Poemas heroico-cômicos*  
Américo Durão — *Ave de Rapina*  
Leonardo Coimbra — *Razão Experimental*  
Visconde de Vila Moura — *2 novelas diferentes*

